



RESENHAS

HARDT, Michael

NEGRI, Antonio

Empire

Harvard University Press, 2000 - 478 pgs

Clodoaldo Machado Lino Filho

A impressão inicial que se tem ao folhear as primeiras páginas de *Empire*, de Michael Hardt e Antonio Negri, é que o subtítulo ideal para este livro seria *Capitalismo e esquizofrenia III*. Não apenas pela grande quantidade de conceitos deleuzianos e guattarianos utilizados pelos autores ao longo de sua análise, mas, em especial, pelas palavras que compõem o prefácio. Seguindo a mesma trilha dos autores de *O Anti-Édipo* e *Mil platôs*, Hardt e Negri declaram sua pretensão de realizar uma obra de caráter interdisciplinar cuja argumentação visa a ser igualmente filosófica, histórica, econômica, cultural, antropológica e política. Ainda no Prefácio, mais adiante, eles alertam o leitor para o fato de que seu intuito é de que o livro funcione como uma "caixa de ferramentas" de conceitos a serem utilizados na análise e no combate ao Império. Finalmente, os autores concluem o prefácio afirmando que, assim como outros livros de grande porte, este também pode ter seus capítulos percorridos de forma aleatória.

O que, num primeiro momento, poderia soar como uma comparação de cunho pejorativo, acaba se tornando, na medida em que se avança no livro, uma de suas grandes virtudes. Hardt e Negri, a partir dessa clara

filiação com o pensamento de Deleuze e Guattari, escrevem uma obra de grande fôlego e autonomia. Na verdade, para sermos justos com os autores, é preciso esclarecer que essa filiação não se expressa, como pode ter dado a impressão no parágrafo anterior, na forma de uma simples repetição ou imitação dos conceitos e do estilo dos pensadores franceses, mas sim como um alicerce, uma base que suporta uma análise absolutamente original do capital globalizado. Num dos exemplos mais bem-sucedidos da utilização que Deleuze e Guattari sugeriram para seus livros – sugestão que Hardt e Negri renovam no já citado Prefácio –, *Empire* utiliza as obras de diversos pensadores (Espinosa, Marx, Foucault, Deleuze, Guattari, entre outros) como autênticas ferramentas conceituais, construindo platôs que transitam não apenas entre várias disciplinas, mas também entre tempos e acontecimentos diversos, formando uma rede teórica tão poderosa quanto a da globalização capitalista que denunciam.

Escrito numa linguagem simples, apesar da complexidade do tema e da tarefa proposta, *Empire*, a despeito do tamanho, é uma leitura que flui relativamente rápida devido a sua composição em pequenos tópicos, o que acaba construindo um encadeamento que estimula o leitor a prosseguir sempre um pouco mais adiante na leitura. Contudo, esse estilo aparentemente fragmentado nada tem em comum com o simples jogo de palavras "pós-qualquer-coisa" tão em voga hoje em dia, e o livro traz em seu conteúdo uma análise bastante consistente do capitalismo

atual ao promover uma genealogia das formas jurídicas e dos processos produtivos da globalização. O conceito de Império desponta, então, como a "máquina abstrata" que põe em movimento os diferentes platôs.

A maior parte do trabalho de Hardt e Negri é dedicada à conceitualização da idéia de Império, conceitualização esta que tem no resgate do conceito de soberania a sua principal sustentação. Foucault dizia que a transição da sociedade medieval para a sociedade moderna foi marcada pela passagem da soberania para a governamentalidade. Para Foucault, a soberania se caracterizava por ter um único ponto transcendente de comando que pairava acima do campo social, enquanto a governamentalidade, por sua vez, teria como característica a economia disciplinar que penetra por toda a sociedade. Hardt e Negri, contudo, argumentam que essa transição sugere, na verdade, um deslocamento de transcendência, isto é, de um poder transcendente estruturado verticalmente para o exercício transcendental da autoridade no qual o poder é disseminado pela sociedade. Tratar-se-ia, portanto, de um deslocamento anterior ao conceito de soberania.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, os autores identificam na nova ordem mundial desse final de milênio a passagem da soberania moderna para a soberania imperial. E o que seria, portanto, o Império? O Império é o triunfo da globalização. No Império, a soberania moderna, capitaneada pelos Estados-Nações, com suas fronteiras, suas guerras coloniais e sua estrutura de poder a partir do modelo centro-periferia, dá lugar à soberania imperial, cujas principais características são a hibridização e a organização reticular. O poder, no Império, age transversalmente, seus fluxos ignoram as fronteiras e, conseqüentemente, os Estados nacionais. Não é possível localizar a fonte do poder imperial em nenhum espaço nacional.

Na medida em que não tem fronteiras, o Império não tem, também, exterior. Nada escapa à sua lógica de dominação. Porém, isso não quer dizer que o mundo do capital globalizado tenha se tornado um espaço liso e homogêneo. Pelo contrário, novas formas de segmentação são criadas para dar conta da gestão e da hierarquização das diferenças culturais, dos diferentes modelos políticos e das diferentes formas de produção que coexistem sob o Império. Diferentemente da expansão geográfica do capitalismo moderno, no Império o capitalismo desterritorializado se expande "geologicamente".

Embora essa nova organização do capital não tenha diminuído em nada a severidade e a violência da exploração capitalista, e, em muitos casos, tenha contribuído para intensificá-la, Hardt e Negri não "demonizam" a globalização. Em vez disso, eles destacam a importância das lutas operárias e proletárias no desenvolvimento desse processo, lembrando o caráter internacional dessas lutas. Em certos aspectos, a globalização pode ser entendida como uma vitória dos trabalhadores, por abrir novas possibilidades de lutas. Na mesma tradição de Marx e, também, de Deleuze e Guattari, Hardt e Negri propõem que a chave da transformação está em se levar a globalização capitalista ao seu limiar. Como encaminhar essas lutas, contudo, os autores não explicitam. As breves sugestões de ação política, tais como, por exemplo, lutar pela reapropriação dos novos meios de produção, acabam soando mais como palavras de ordem do que como propostas reais de organização política. Mas isso é, de certa forma, compreensível, uma vez que o projeto principal do livro é o de promover uma análise concreta das condições socioeconômicas da globalização, tarefa que, sem dúvida, Hardt e Negri conseguem realizar com sucesso.